

## **RECENSÃO A *BLESS ME, ULTIMA* (2017), DE CARL FRANKLIN**

**Ana M. M. Santos<sup>i</sup>**

Universidade da Beira Interior/Labcom.IFP, Portugal

ammateuss@gmail.com

Poderão a fé na igreja católica e a crença na magia pagã coexistir numa mesma cultura e num mesmo indivíduo? É a esta questão fulcral que o filme *Bless me, Ultima* (2017), do realizador norte-americano Carl Franklin, tenta responder ao adaptar o romance homónimo de um dos expoentes da literatura chicana, Rudolfo Anaya.

O protagonista, Antonio, conduz o espectador através da sua infância, a partir dos sete anos, quando a curandeira Ultima se muda para a fazenda da família Márez. Em plena Segunda Guerra Mundial, com os três irmãos mais velhos envolvidos na batalha, Antonio Márez, apelidado de Tony pelos irmãos e Toño pelos pais, vive no Novo México, um estado onde confluem, nem sempre de forma harmoniosa, a cultura indígena, a dos conquistadores e a dos euro-americanos. Tem uma forte conexão com Ultima, uma idosa sábia e experiente nas artes mágicas, quase mística, aquando da primeira troca de olhares.

Desde o início do filme, é notória a disparidade e a tensão existente entre duas crenças e culturas. Por um lado, encontra-se a religião católica fortemente enraizada, visível, por exemplo, quando a mãe de Toño reza a Nossa Senhora, após chamarem o marido para ir atrás de Lupito, um ex-combatente que matou um conterrâneo; por outro, subsistem as crenças indígenas, patenteadas na cura através das ervas que Ultima aplica em Antonio.

As idas à igreja da família Maréz, em companhia da curandeira, geram comentários depreciativos e desconfiança relativamente a Ultima, percebida pelo povo como uma bruxa. Ainda assim, o pequeno Antonio, sem medo, recebe os ensinamentos da idosa, que o leva nos seus passeios e lhe dá a conhecer as plantas e o seu poder medicinal e, em última análise, a voz íntima e antiga da terra. Trata-se de um

---

<sup>i</sup> Licenciada em Cinema (Universidade da Beira Interior, 2013), mestre na mesma área (Universidade da Beira Interior, 2016). Doutoranda em Media Artes (Universidade da Beira Interior, presente) e membro da unidade de investigação Labcom.IFP (UBI).

saber transmitido de geração em geração pela cultura pagã, que venera a natureza e faz uso de mezinhas e poder das rezas para curar enfermidades do corpo.

Sempre em tensão e ambivalência entre o catolicismo e os rituais curandeiros de magia mexicanos, Antonio segue Ultima, sem temor, para salvar o tio que foi vítima de bruxaria por parte das filhas de Tenorio, não renegando nem se envergonhando de acompanhar a curandeira. Franklin, tal como Anaya, caracteriza uma criança destemida que, apesar de ser criada no seio da religião cristã, questiona esta, ao mesmo tempo que abraça e confia nas suas origens chicanas.

Face à falha da medicina convencional e da religião perante a doença do tio, Toño comprova o poder da Ultima, o mesmo que lhe é confirmado pelo pai numa fase final do enredo fílmico. Tenorio nega que as filhas sejam bruxas e recusa retirar o feitiço lançado por estas. Após isso, Ultima faz uso de rezas e do herbalismo para curar o tio da criança no seu leito de morte, prolongando-lhe, deste modo, o tempo de vida. São atos que assumem consequências nefastas para a família de Tenorio, gerando uma guerra entre este e Ultima.

Com a entrada do pequeno Antonio para a escola, a mãe, María Luna, ambiciona que o filho estude e seja um homem culto, em contraponto com o pai, Gabriel Márez, que lhe fala da sua profissão de vaqueiro e do apreço que tem pela terra e pela vida nómada.

No romance, Ultima explica a Toño o possível sentido dos apelodos “Luna” e “Márez”. Já no filme, é do pai que o pequeno ouve o significado e a vontade de partir à descoberta como ele fez um dia, transportando para aqui a alma e a mística dos conquistadores. Do tio materno, recebe o apreço que os Luna têm pelo cultivo da sabedoria e o respeito pela mãe natureza, característico dos povos indígenas e do seu espírito. É de salientar que, ao longo de todo o filme, a coruja, símbolo de conhecimento e ligação à natureza, acompanha Antonio e protege-o da tentativa de assassinato por parte de Tenorio.

Apesar da forte presença religiosa e católica, toda a comunidade de El Puerto se encontra intensamente marcada pelas crenças e tradições pagãs, legado da cultura dos antigos povos indígenas, os Nahuatl. A Tenorio e a multidão querem matar Ultima, Narciso propõe que se faça o teste da bruxa, para que esta não seja mais acusada, se passar a prova. Narciso coloca agulhas benzidas em forma de cruz no cimo da porta e, caso Ultima seja realmente bruxa, não a consiga franquear.

Aqui, existe não só um choque cultural, como uma dupla crença, sob a forma de hibridismo, por parte dos habitantes de El Puerto. Por um lado, a cruz benzida simboliza

a forte presença da igreja católica que se faz sentir através da missa, na presença do padre em diversas ocasiões e nos ensinamentos de catequese; por outro, o medo que detêm relativamente a Ultima, a quem apelidam de bruxa, quando esta apenas é uma curandeira, enraizada numa cultura da mãe terra e do chamado “herborismo”.

Antonio Márez questiona ao longo do filme a religião cristã, ainda que a siga com fervor, e acompanhe os preceitos doutrinários, e os sacramentos, como o da primeira comunhão. Contudo, não deixa de parte os seus perenes laços às origens chicanas, abraçando os saberes de Ultima e ajudando-a prontamente. O seu coração puro suscita que, à beira da morte, Lupito lhe peça a bênção, enquanto Narciso, nas mesmas circunstâncias, pretende a absolvição — como se o pequeno fosse um padre católico.

O protagonista desta narrativa étnica, Toño, quer nas palavras de Anaya, quer nas imagens de Franklin, torna-se na prova da harmonia e do poder da comunicação intercultural para estabelecer pontes, no caso, entre o catolicismo e as crenças mexicano-americanas, sem menosprezar nenhuma delas. Na sua educação, o pequeno Antonio abraça não só o seu vínculo a Deus, de quem é devoto e com o qual se torna num só, como reconhece as suas origens chicanas, a comunhão com a mãe natureza, o poder curativo das ervas e a magia dos ancestrais.

Franklin, tal como Anaya, exalta de forma sublime em *Bless me, Ultima*, a vocação intercultural do povo de El Puerto de 1944 que teme a Deus e às bruxas, e de um menino que, na sua formação como cidadão e como pessoa, abraça num espírito de hibridismo multicultural o melhor dos dois mundos.